

O RISO NA SALA DE AULA E SUAS IMPLICAÇÕES NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM

Maria Angelica Santana¹

(Pontifícia Universidade Católica de São Paulo)

Carla Cristina de Queiros²

(Universidade Anhanguera)

Resumo: O artigo pretende demonstrar que a prática docente, ao aceitar e incentivar o riso em sala de aula, poderá criar um ambiente propício ao processo de ensino-aprendizagem. Foram pesquisados diversos autores que abordam o assunto e, através dos conceitos sobre o processo educativo, é possível defender a tese de que o riso é um forte aliado do professor em sala de aula. Dentro de sua limitação temática, o texto aborda o riso e suas reações — tais como a alegria, a felicidade e o prazer — para sustentar que, quando há espaço para estas reações na escola, a cognição efetiva-se com maior facilidade. O estudo será apresentado em três momentos. Na primeira parte, refletimos sobre a correlação do riso e as emoções, destacando o riso emocional. Na segunda parte, tratamos de definir o riso a partir da ótica de diversos autores renomados, bem como refletir sobre o seu efeito fisiológico. Para finalizar a pesquisa, procuraremos ressaltar a importância do riso da sala de aula.

Palavras-Chave: Riso; Ensino; Aprendizagem; Ludicidade.

THE LAUGH IN THE CLASSROOM AND ITS IMPLICATIONS IN THE TEACHING-LEARNING PROCESS

Abstract: The article will argue that the teaching practice, to accept and encourage laugh in the classroom, you can create an environment conducive to teaching and learning. We searched several authors who approach the subject and, through the concepts of process, it is possible to defend the thesis that laugh is a strong ally of teachers in the classroom. Within its limitations issue, the paper addresses the laugh and their reactions — such as joy, happiness and pleasure — to argue that when there is space for these reactions at school, cognition is executed with greater ease. The study will be presented in three stages. In the first part, we reflect on the correlation of laughter and emotions, highlighting the emotional laughter. In the second part we try to set the laughter from the perspective of several renowned authors as well as reflect on their physiological effect. To complete the survey, aimed to highlight the importance of laughter in the classroom.

Keywords: Laugh; Education; Learning; Playfulness.

¹ Aluna do Curso de Doutorado em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Aluna do Curso de Especialização em Libras na mesma instituição. E-mail: mangelica.santana@hotmail.com.

² Acadêmica do Curso de Graduação em Pedagogia na Universidade Anhanguera (Uniderp). E-mail: cris26_queiroz@ig.com.br.

1 AS FUNÇÕES DA EXPRESSÃO EMOCIONAL

A contribuição da expressão emocional através do riso para a compreensão do processo ensino-aprendizagem nos leva a considerar as interações sociais do indivíduo com o meio escolar. O educando que mantém uma boa relação com seus professores, com eles trocando impressões através de brincadeiras e considerações sobre os mais diversos assuntos, parece mais apto aos estudos. Assim, seu estado psicológico e emocional torna-o mais sensível e receptivo e, como isso, participa com mais interesse das atividades para a aprendizagem. Ao contrário, aquele aluno que, por um motivo ou outro, deixa de interagir positivamente com o professor e com o próprio grupo, tratando-os, muitas vezes, com agressividade e ou indiferença, perde uma boa parcela da oportunidade de aprendizagem, no sentido de se construir significados a partir de múltiplas e complexas interações, onde o riso pode ser um excelente mediador. Para Solomon Asch:

À medida que desenvolve a capacidade de agir com outros, surgem novas necessidades que exigem diretamente a participação das pessoas. A própria ação do grupo se torna interessante; as atividades de dar-e-receber passam a ser atraentes e valiosas em si mesmas... Nossas ações passam a ter uma significação mais completa quando encontram um reflexo na compreensão e na apreciação dos outros (1977, p. 286).

Cabe ao professor através de sua sensibilidade e observação perceber o estado emocional negativo do aluno e, através de práticas adequadas, procurarem resgatar nele valores sociais através de situações humorísticas positivas onde o riso não o ofenda, com o maior grau de significatividade possível, onde os fatores afetivos, motivacionais e inter-relacionais são de grande importância. Se o riso suscitar a aprendizagem e for, para o aluno, uma experiência de sucesso, este construirá uma representação positiva de si mesmo como alguém que é capaz de aprender e sentir prazer nisso. Para Vladimir Propp, “na maioria dos casos o riso bom é acompanhado justamente por um sentido de afetuosa cordialidade” (1992, p. 153).

Dentre as funções da expressão emocional, o riso vem em primeiro lugar, pois, segundo Charles Darwin, estudado por Asch (1977), os movimentos faciais a que denominamos expressivos eram, originariamente, parte de atividades práticas. Mostrar os dentes fazia parte da preparação para o ataque. O que veremos nas reflexões de Darwin, o riso ao evoluir de uma manifestação puramente física, de um estado emocional do indivíduo em situação de perigo eminente, chegou ao que é hoje, ganhando no decorrer do tempo evolutivo do ser humano, novos significados emotivos.

A percepção da expressão através do riso emocional é a grande indicadora dos primeiros sinais de vida psíquica observáveis na conduta infantil. É através dela que se estabelecem as primeiras trocas da criança com o mundo exterior, não com o mundo dos objetos físicos, mas, sim com o das pessoas de quem a criança depende para a satisfação de suas necessidades vitais. Cabe à emoção o papel de unir os indivíduos entre si, pelas suas reações mais orgânicas e mais íntimas, devendo esta confusão inicial ter como consequência ulterior oposições e os desdobramentos de onde poderão surgir, gradualmente, as estruturas da consciência, bem como as atividades psíquicas superiores controladas pelos centros corticais.

Assim, as influências afetivas do meio humano têm ação decisiva sobre a vida psíquica da criança, que se organiza através do contato com outrem. Para Emma Otta, “a emoção pode ser definida como uma seqüência complexa de reações a um estímulo. Inclui avaliações cognitivas, alterações subjetivas, ativação autonômica e neural, impulsos para a ação e comportamento destinado a ter um efeito sobre o estímulo que iniciou a seqüência comportamental” (1994, p. 10).

2 DEFINIÇÃO DE RISO

A definição pura e simples do riso, é que este ocorre sempre na presença de duas grandezas fundamentais, ou seja: de um objeto risível e de um sujeito que ri. Falar simplesmente do riso sem considerar seus elementos suscitadores, deixa lacunas imperdoáveis dentro de uma análise mais criteriosa. Assim, devemos considerar como elemento relevante para a sua compreensão, a felicidade e o prazer. Apesar de o prazer ser decorrente, muitas vezes da própria felicidade, de um estado emocional positivo de um momento de alegria, consideramos neste trabalho como elementos distintos a fim de facilitar a exposição e a argumentação, embora sabendo de estreita relação.

A felicidade será percebida através do riso fácil, brilhante, descontraído, pela alegria dela decorrente. Este estado emocional é muito importante e deve ser percebido pelo educador, para que possa, através da sua prática pedagógica, usá-la a fim de se canalizar para o processo ensino-riso-aprendizagem. O educador precisa estar atento a estes estados propícios de cognição por parte dos seus alunos, precisa através de sua prática contextualizar o riso com o seu objetivo em sala de aula, para não frustrar o aluno, apagando nele os sentimentos daqueles momentos.

Por outro lado, é natural no ser humano, cada um a sua maneira, buscar a felicidade e também o prazer, e o professor deve trabalhar com estes dados se está, efetivamente,

preocupado com o desenvolvimento emocional, intelectual e social do seu aluno. E, só se é possível abordar estes conceitos em profundidade em ambiente propício onde o riso seja bem vindo, porquanto onde há excesso de severidade a opressão está presente, o tema certamente soaria falso. Disse-o muito bem Ferraz: “Ser feliz é um jeito de ser, um jeito natural de ser” (1993, p. 44). Portanto, é perfeitamente possível e sobretudo importante cativar o educando através daquilo que ele julga mais importante em sua vida. Como já ficou demonstrado, o riso é, na verdade, o grande passaporte para a motivação da aprendizagem. O prazer decorrente da associação de elementos novos ao que o educando está sentindo.

O estudo efetuado por Darwin (1872), no seu livro "A expressão das emoções no homem e nos animais", analisado por Otta, considera a expressão de emoções essencial para a vida das espécies que vivem em grupo. Segundo esse estudo, a expressão facial no ser humano evoluiu no decorrer da sua trajetória histórica e sublimou-se no que hoje é o riso. O riso estudado por este formalista russo faz parte integrante dos sérios tratados sobre o tema e reflete toda uma concepção de mundo a partir da sua manifestação na estética literária.

Vladimir Propp parte dos princípios da estética marxista, comparando as teorias russas e ocidentais e também as criticando nos seus pontos mais fracos e insustentáveis. O importante de sua obra para este trabalho reside no fato do autor fazer, com muita clareza e lucidez, a tipificação do riso, a partir de cada sentimento e emoção, e principalmente, pelos aspectos dedutivos que se pode arrolar para o processo ensino-aprendizagem. São suas as seguintes considerações: “O riso de alegria, mesmo que não se oriente para o satírico, é muito útil e necessário socialmente porque desperta a alegria de viver, cria o bom humor e com isso eleva o tônus da vida” (1992, p. 190).

Mikhail Bakhtin (1993) não faz simplesmente um estudo do riso em sentido lato. Sua intenção é compilar, comentar e apresentar o riso do período do Renascimento, em especial no que se refere à análise do processo de carnavalização presente na obra de Rabelais. O autor destaca que “o riso tem um profundo valor de concepção do mundo, é uma das formas capitais pelas quais se exprime a verdade sobre o mundo na sua totalidade, sobre a história, sobre o homem” (1993, p. 57). A pesquisadora Emma Otta traça um estudo do riso desde as primeiras semanas de vida do bebê, buscando estabelecer seus estímulos e os aspectos cognitivos.

Estudos recentes demonstram que o riso é fator importante para a secreção de enzimas que protegem o estômago, que ajuda no aumento de anticorpos naturais do organismo que combatem infecções respiratórias. O riso também ajuda no transporte de nutrientes e oxigênio

para os tecidos corporais, liberando também endorfinas que atuam como analgésico natural. O riso provoca a liberação de um neurotransmissor chamado serotonina, que agiliza a comunicação entre os neurônios. Se, ao contrário, o organismo se encontra submetido ao estresse ou está sobrecarregado de tensão, os circuitos neurais acusam a falta de serotonina, alterando assim a comunicação entre estes e, conseqüentemente, provocando o desequilíbrio do organismo e afetando, por sua vez, o processo cognitivo.

3 O RISO NA SALA DE AULA

Falta na catalogação do riso aquele aspecto que, de acordo com nossa pesquisa, surge como elemento importantíssimo para a compreensão do seu aspecto de cognição, ou seja, de todos os estudos já catalogados ao longo de mais de um século, nenhum trata especificamente sobre os seus efeitos para a aprendizagem. Há todavia a menção de tal aspecto, porém não há maior aprofundamento. Portanto, fazemos nossas as palavras de Emma Otta: “de supérfluo, o riso transforma-se num mecanismo importante para promover o desenvolvimento cognitivo e emocional” (1994, p. 34).

Definir e tipificar o riso cognitivo é necessário para que o professor possa, dentro da sua difícil missão de ensinar, educar e sobretudo, formar cidadãos capazes de interagir com o seu meio social, melhorando sua cultura. Para Bakhtin, “o riso é a liberação dos sentimentos que mascaram o conhecimento da vida... Sorridente, a própria verdade se abre ao homem quando ele se encontra num estado de alegria despreocupada” (1993, p. 121).

O riso cognitivo deriva-se do estado de alegria e felicidade no momento da descoberta de um conhecimento novo. Porém, este fenômeno que chamamos riso-cognitivo, só ocorre quando o aluno estava ansiando por se apropriar de um conhecimento novo. O *insight* nestas condições causa prazer e esse prazer leva a uma satisfação interior muito grande, que acaba por provocar um tipo característico de riso, misto de prazer e felicidade. Os catálogos da tipologia do riso nos maiores estudiosos, tais como Bakhtin, Propp, Otta, dentre outros, é carente deste aspecto, quando muito Otta admite que o riso é um mecanismo importante para a cognição, mas não o tipifica.

Para um exercício interessante para se entender exatamente de que tipo de riso estamos falando, basta procurar imaginar o riso que se estampou no rosto de Arquimedes quando este, na banheira, descobriu como saber se o ourives do rei tinha usado todo o ouro para a coroa, ou ainda, imaginar que tipo de riso Newton sentiu quando por ocasião da famosa

queda da maçã em sua cabeça. Isto só para ficarmos com dois exemplos clássicos de um riso tipicamente cognitivo. Podemos dizer que o riso cognitivo é também um riso de satisfação.

O ser humano é o único ser cultural capaz de desenvolver modos de resolver problemas, concepções de mundo, artes, que vão sendo, no decorrer dos tempos, assimiladas pelas novas gerações, seja para facilitar a sobrevivência, para encontrar o sentido das coisas ou mesmo por uma necessidade menos imediata. O acesso à cultura e ao conhecimento pode se dar de várias formas, sendo a escola um espaço privilegiado para tanto.

De acordo com a maioria dos autores modernos, o trabalho com o conhecimento é o processo de apropriação e construção do conhecimento por parte do educando; é ele que desenvolve modos de resolver problemas, concepções de mundo, artes e tudo mais que se lhe é oferecido desde sua mais tenra infância. O conhecimento em sala de aula deve ser, portanto, capaz de fazer o educando caminhar da síntese à análise pela via da análise (VASCONCELLOS, 1994).

A interação direta professor-aluno se dá em sala de aula e é nela que devemos concentrar a nossa atenção, por ser o espaço onde todo dia o professor tem sua prática, seleciona conteúdos, passa suas convicções pessoais, transmite e recebe afetos e valores. Onde se espera que o aluno possa informar-se e, principalmente, formar-se. Para Antônio Costa, “o papel do educador é criar espaços, organizar meios e produzir acontecimentos que façam a educação acontecer” (1991, p. 61).

Assim, os acontecimentos em sala de aula, quando se dão através de uma relação positiva e amistosa mediada pelo riso, a satisfação se soma à síntese, formando no educando uma visão mais positiva do mundo. A tensão e a angústia nem sempre podem ser evitados pelo educador, pois são parte da essência mesma desse tipo de trabalho. Conviver com esses estados emocionais não significa, de modo algum, sucumbir a eles, é preciso que o educador seja capaz de equilibrar esta situação gerando outras opostas. A afetividade, amizade para com os alunos e o riso pode ser muito útil nesses momentos.

Como afirma Ruth Drouet, “a escola, por seu ambiente de disciplina, de estudo obrigatório, de regras e ordens, pode ter uma influência negativa na criança” (1995, p. 151). Se o educador estiver afetado pela tensão e em estado angustioso, certamente isso afetará também a criança já fragilizada pelo comportamento ansioso dos pais que cobram resultados imediatos de sua atuação na escola. Assim, práticas de descontração e exercícios capazes de desfazer esse mal-estar em muito ajudarão para que tanto o educador como o educando se sintam mais à vontade na escola.

Os conhecimentos adquiridos pelos alunos em sala de aula passam pelo processo de interiorização, correlacionados com os outros conhecimentos trazidos de casa, seja por influência dos seus familiares, seja pela mídia etc. Melhores ambientes de estudos, mais acolhedores e afetivos, podem minimizar o problema do sentimento negativo de auto-estima do educando, resgatando a escola de seu fracasso.

O riso em sala de aula, e na escola como um todo, deve ser motivado sempre que se perceber o desinteresse dos educandos pelo conhecimento, demonstrando-se assim que este é sem dúvida um importante aliado da liberdade de expressão. Não basta desejarmos uma escola ideal, com parâmetros curriculares bem definidos, com práticas que criem condições para que os alunos desenvolvam suas capacidades através da aprendizagem de conteúdos, julgados necessários para que estes possam construir instrumentos de cognição capazes de fazê-los compreender adequadamente a realidade. Estes elementos por si só, engavetados nos cadernos dos PCNs disponíveis nos serviços de orientação pedagógica, em nada ajudam para a prática da sala de aula. O que cabe considerar é a riqueza das possibilidades de interação, pois os alunos não podem ser manipulados em suas vontades como objetos, mas, isto sim, devem ser tratados como indivíduos únicos, espontâneos, que trazem dentro de si condições peculiares e particulares que precisam se deixar manifestar através de suas diferenças, através de seus próprios meios de interação com o outro.

O melhor e mais eficiente veículo de integração social é, sem dúvida, o riso. Através do riso se rompem barreiras, cativa-se para as tomadas de posição e atitudes perante a realidade. Sem esta pequena atitude de disponibilidade as pessoas mantêm-se distanciadas umas das outras, cultivando fantasias e aumentando estas barreiras cada vez mais intransponíveis, se limitando aos seus pequenos mundos individuais:

A educação tem de se inspirar na Filosofia devido à convicção de que o homem não pode ser tratado como objeto, mas como algo excepcional que se revela pela sua criatividade, sua tendência para a liberdade, sua capacidade de auto-limitar-se e de aspirar, bem como a sua inquietação interior, que o impele para o transcendental (NÉRICI, 1973, p.14).

Precisamos muitas vezes articular um pequeno mas sincero sorriso a fim de nos aproximarmos de alguém e isto também se dá no processo de ensino-aprendizagem. O conteúdo, por mais de acordo que esteja com os parâmetros curriculares nacionais, uma vez imposto a ferro e fogo (como ainda é feito por muitos professores medíocres), acaba por corromper aquilo que há de mais importante no educando, que é a sua curiosidade filosófica perante a realidade.

4 O RISO COMO ESTRATÉGIA METODOLÓGICA

O professor, em sala de aula, além de se preocupar com o conteúdo, deve se preocupar muito mais com o aprendizado dos seus alunos. Não se admite a postura de um educador que não coloca este elemento acima dos demais interesses. Já está demonstrado que em sala de aula onde o riso é aceito e incentivado, o processo de aprendizado flui com maior facilidade. Dickinson afirma que “classes em que o riso é bem vindo ajudam a reavivar o aprendizado” (1997). O aluno pode não gostar de estudar, mas gosta de aprender. Quando o estudo é dirigido à base de cobranças forçadas e com ameaças de punição, através de avaliação rigorosa, o que ocorre, efetivamente, é a desmotivação deste para a busca do conhecimento. O educando terá sempre, em primeiro lugar, a cobrança negativa do professor. Raymund Moody Jr., citando Freud, afirma que:

Assim como a sagacidade e o engraçado, o humorismo possui em si um elemento liberador. Porém, também possui algo sutil e animador, que falta nas duas outras formas de extrair prazer de uma atividade intelectual. Sem dúvida, o que há de sutil nele é o triunfo do narcisismo, afirmativa vitoriosa do ego sobre a sua própria invulnerabilidade. Recusa-se a ser ferido pelas flechas da realidade ou ser compelido a sofrer. Insiste em ficar imune aos ferimentos do mundo exterior, na verdade, que estes são apenas oportunidades para alcançar o prazer. Este último traço é uma característica fundamental do riso (1978, p.133).

Por outro lado, e isto será demonstrado aqui, se o professor procurar conduzir sua turma para a busca do conhecimento, para a construção do seu conhecimento através da relação positiva, e o riso é o melhor coadjuvante deste processo, certamente que o educando, ao obter mais prazer na interação, conseguirá construir seu conhecimento a partir dos conteúdos recebidos, com muito mais eficiência devido à sua pré-disposição. Portanto, o excesso de seriedade, de atitude de severidade e de distância emocional entre professor e aluno só tenderá a afastar este último do meio escolar, pois o que ocorre neste caso é a desmotivação do educando. E não tem coisa pior para um professor que um aluno desmotivado. Aula é, sobretudo, convívio. Que esse convívio seja sempre amistoso, pois em sala de aula onde prevalece o riso e o diálogo franco, os trabalhos se tornam mais produtivos à medida que há a liberação de energias estimuladoras e edificantes.

Concordamos com as ideias de Rafeal Grisi quando o autor afirma que “o regime de disciplina férrea não cria caracteres viris; antes pode formar indivíduos subservientes ou amargurados” (1985, p. 11). E continua defendendo a tese da boa e sã convivência entre

educando e educador, ao afirmar que o bom humor faz alunos amigos e suscita simpatia e confiança. O autor diz ainda que “a virtude não precisa ser triste nem se deve, por amor à honestidade e à circunspeção, sacrificar a alegria sã e o riso franco das crianças e dos adolescentes” (1985, p. 14).

Desse modo, fica claro que o professor precisa estar com o seu humor devidamente preparado ao entrar numa sala de aula, ou seja, precisa aprender a deixar seus outros problemas do lado de fora e concentrar-se no seu trabalho com muito humor e muita concentração, como fazem os atores antes de subirem num palco. Só assim pode obter produtividade através do riso e da alegria dos alunos.

Sem senso de humor, os problemas inesperados e os desafios da vida se tornam intoleráveis. Sem um sentido de humor, o dia a dia da sala de aula, seria um tédio. Assim, senso de humor é uma habilidade que precisa ser nutrida e cultivada e pode dar vida a qualquer assunto escolar. Para Dee Dickinson, “o senso de humor é o que segura as coisas quando tudo está se desfazendo” (1997).

No conjunto dos conteúdos escolares, juntamente com os parâmetros curriculares, a inteligência lingüística pode ser exercitada e melhorada de forma brincalhona na sala de aula através de piadas, sátiras, estórias engraçadas e anedotas. (É muito importante que os alunos evitem formas destrutivas de humor que possa magoar os outros). A pontuação verbal, por exemplo, pode ser usada para animar o que às vezes é uma aula entediante sobre mecanismos essenciais para o desenvolvimento da habilidade da escrita. Aparentemente o estado de alerta relaxado que conduz ao aprendizado mais efetivo pode ser facilitado em um ambiente onde o humor e risos positivos são encorajados. Quanto à inteligência matemática, assuntos que são complicados para o aluno podem causar menos estresse quando se usa o humor. Para os alunos que acham certa matéria difícil por medo de seus desafios, o professor pode diminuir a ansiedade através de estórias engraçadas sobre problemas ou contando ocasionalmente alguma piada para aliviar a tensão. Estórias engraçadas prendem a atenção, clareiam significados de uma maneira não ameaçadora, e motivam os alunos que eram temerosos a trabalhar com mais confiança para entender um assunto. Matemática pode ser aprendida sob estresse, mas o desenvolvimento de inteligência matemática pode ser alcançado no ambiente relaxado que o humor pode propiciar.

Os alunos tomam parte de ações engraçadas, fazendo com que seus corpos assumam formas de vírgulas, pontos e pontos de interrogação, ou criando uma oração de "ação" com cada aluno sendo uma parte do discurso, ou representando muitas estórias de problemas de

Matemática. Seus corpos os ajudam, neste caso, a compreender e lembrar. O professor pode exercitar este tipo de inteligência através de ações de humor, como ficar dentro da lata do lixo para recitar uma poesia sobre árvores andar de traz para frente numa sala de aula para iniciar uma discussão sobre a importância de enxergar adiante. Quando nossos corpos estão relaxados e ao mesmo tempo atentos a este tipo de inteligência têm a oportunidade de crescer. No tocante a inteligência musical, fazer jogos de palavras musicais é uma maneira interessante de fazer os alunos aguçarem suas habilidades de aprendizado e melhoram a concentração. Os alunos podem inventar músicas engraçadas que os façam recordar acontecimentos históricos ou lugares geográficos ou fatos matemáticos. Músicas engraçadas podem tornar a atmosfera acolhedora e quente. Como outras estratégias de ensino, humor musical deve ser usado com moderação e em momentos inesperados para assim surpreender e agradar.

A inteligência visual-espacial no ambiente de sala de aula pode ser tornada mais convidativa quando o humor visual é parte do cenário: cartoons, posters inteligentes relativos ao assunto a ser ensinado passam uma mensagem que não ameaçador sobre o aprendizado aos alunos. Para muitos, aquela mensagem pode ser mais memorável e mais compreensiva desta forma que de outra. A inteligência visual-espacial também pode ser desenvolvida quando se encoraja os alunos a tentarem fazer cartoons ou ilustrações humorísticas relacionados ao assunto em questão.

A inteligência interpessoal pode ser desenvolvida através do humor quando os alunos trabalham em duplas um fazendo o papel de pessoa séria e o outro de engraçado. Analisando duplas de comédias como, Os trapalhões, por exemplo, os ajudam a reconhecer diferentes habilidades, através da caricatura, de diferentes tipos de estratégias interpessoais e da importância do discurso inteligente. Os alunos podem tentar formar sua própria versão de algumas das cenas. Exercícios deste tipo são excelentes para desenvolver a autoconfiança frente a uma platéia, como também a habilidade de colaborar simultaneamente. O planejamento e desempenho das cenas, pantomimas e jogos teatrais oferecem maneiras interessantes e divertidas de desenvolver inteligência interpessoal que pode servir para os alunos em vários outros contextos.

A inteligência intrapessoal não é necessariamente uma qualidade séria, na verdade, a habilidade de nos compreender podendo rir de nós mesmos, de nossas trapalhadas e erros de uma maneira não ameaçadora leva a um maior auto conhecimento. Os alunos estarão bem servidos de poder aprender que erro honesto não deve levar automaticamente à vergonha,

raiva ou baixo conceito de si mesmo. Quando podemos rir de nós mesmos, podemos mais facilmente nos reerguer e recomeçar. Quando o professor demonstra esta habilidade para os alunos, modelam uma habilidade de sobrevivência básica.

A metodologia de sala de aula que trabalha com o riso, não pode ser meramente expositiva, porquanto, o educando precisa sair da passividade. Esta nova ação leva em conta a ação do aluno. Na metodologia que procura despertar o aspecto cognitivo para a efetivação do processo ensino-aprendizagem através da alegria de aprender permeado pelo riso bom, há uma ação interativa, ou seja, a interação entre aluno e professor e o conteúdo deve ser constante. Quando há a tricotomização — professor/contéudo/aluno — em compartimentos estanques, divorciados, portanto, os interesses, não haverá cognição positiva; quando muito o aluno gravará o conteúdo para uma possível avaliação, sem, contudo, interessar-se por ele. Segundo Célia Barros, “a atmosfera passiva e convergente jamais inspirará soluções incomuns, contos humorísticos ou o uso original de objetos corriqueiros” (1993, p. 34). O ato de aprender é um ato de apreender um objeto de conhecimento formador e modificador da cultura do educando, quando o riso é o mediador deste processo, com certeza, estaremos formando cidadãos capazes criar e recriar, capazes de atuar na sociedade com mais lucidez e portanto, menos aridez, onde o aspecto verdadeiramente humano se sobressairá.

Os risos decorrentes da alegria e da emoção, na sala de aula modificam o paradigma pedagógico à medida que o professor interagir mais com o seu aluno, envolvendo-o com o objeto do ensino-aprendizagem, formando com ele um trinômio: professor-contéudo-aluno, onde o objetivo maior é a promoção integral do indivíduo em toda a sua plenitude de capacidades humanas. Através do riso bom, saudável, o professor passa a ser o mediador da relação do educando com o objeto de conhecimento dentro do contexto da realidade, dando condições emocionais para a sua reflexão, para a sua organização do conteúdo apreendido através das atividades:

O verdadeiro riso, ambivalente e universal, não recusa o sério, ele purifica-o e completa-o . Purifica-o do dogmatismo, do caráter unilateral, da esclerose, do fanatismo e do espírito categórico, dos elementos de medo ou intimidação, do didatismo, da ingenuidade e das ilusões, de uma nefasta fixação sobre um plano único, do esgotamento estúpido (BAKHTIN, 1993, p. 105).

Toda a sociedade já percebeu de vários modos que a instituição escolar está enferma. Por um lado, por falta de incentivo da parte do governo, que não vê, ou não tem interesse, na formação cultural da população. Existe um grande descontentamento com relação à educação

e há, sem dúvida, várias razões para isto. Muitas delas são debatidas diariamente. Em suma, a educação inclina-se a ser considerada com excesso de seriedade.

Para Maria Coutinho e Mércia Moreira, “educar, democraticamente, é aproveitar cada oportunidade para se avaliar, criticamente, as situações, de modo a promover experiências socializantes” (1997, p. 162). A atitude séria diante de uma situação e da vida não exclui o riso e, portanto, quando os rigores da seriedade e severidade são cobrados do educando este pode estar sendo prejudicado no seu aspecto cognitivo, uma vez que, dado sua conformidade psicológica, está mais voltado para o aspecto lúdico da vida. Portanto, não há restrições ao riso em sala de aula; o que há é a necessidade de se estabelecer o respeito mútuo através da prática sadia desse condutor da satisfação humana.

Tendo em vista a importância do riso, como forma de manifestação e exteriorização dos sentimentos de cada indivíduo humano, procuramos analisar de que forma o riso corrobora para o processo de ensino-aprendizagem.

O desenvolvimento cognitivo do educando obedece a diversos fatores: sua família, seu meio social e principalmente sua forma de estar no mundo. Segundo Emma Otta, “o riso é um mecanismo importante para promover o desenvolvimento cognitivo e emocional” (1994). Na sala de aula, o riso é elemento fundamental para a cognição, para a apreensão dos três elementos básicos para a construção do conhecimento: a síncrese, a análise e a síntese. Os fundamentos de nossa história relegaram o riso ao segundo plano de importância, como se a alegria fosse algo dispensável do viver humano. Desde a Idade Média que o riso foi praticamente banido, sendo resgatado apenas na Idade Moderna e mesmo assim muitos ainda crêem no dito popular: “muito riso, pouco siso”.

Sobre o tema, Moacir Gadotti afirma que “ali onde há alegria, há um passo à frente, há crescimento da personalidade no seu conjunto” (1996, p. 305). Não é possível divorciar a alegria do riso, pois, onde há alegria, o riso está marcadamente presente e isto evidencia o que estamos propondo, ou seja, ao tratarmos do riso na sala de aula, estamos também abordando todos os elementos dele decorrentes e a alegria, efetivamente, é o seu elemento mais positivo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desenvolvida a idéia de que os diferentes aspectos do riso correspondem aos diferentes tipos de relações humanas, as relações recíprocas entre as pessoas que surgem durante o riso, apesar de serem diferentes em seu aspecto emocional, acabam por atuar organicamente em cada um ao produzir um ambiente favorável à cognição. Resta saber em

qual condição o riso em sala de aula é fator auxiliar no processo ensino-aprendizagem, pois detrás da alegria e do riso, podem estar escondidas almas sofredoras, frias e insensíveis. Mas, por trás do sofrimento, da frieza e insensibilidade, não haverá mais nada. Ao contrário do prazer, a dor não tem máscara.

Nesse contexto, é fundamental que o riso seja efetivador da aprendizagem por estar diretamente relacionado à interação professor-aluno, ao “par educativo”, como denomina Max Marchand: “toda educação supõe a presença de dois seres bem concretos: o que dá e o que a recebe, um e outro reunidos em um par singular, cuja originalidade é tal que não se pode achar-lhes a réplica em parte alguma, estando seus integrantes submetidos a interações psicológicas recíprocas que, muitas vezes, os modificam profundamente” (1985, p. 11). Da citação acima, podemos deduzir que, apesar de não estar explícito, o riso ali se encontra, principalmente quando fala da interação psicológica entre professor e aluno. Esta relação psicológica é efetivamente permeada pelo riso, criando condições para um ambiente favorável ao relacionamento de ambos e conseqüentemente criando também condições para a aprendizagem mútua e transformadora.

5 REFERÊNCIAS

ASCH, S. E. **Psicologia Social**. 4 ed. São Paulo: Editora Nacional, 1977.

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1993.

BARROS, Célia Silva Guimarães. **Pontos de psicologia escolar**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1993.

COSTA, Antônio Carlos Gomes. **Por uma pedagogia da presença**. Brasília: MAS, 1991.

COUTINHO, Maria Tereza; MOREIRA, Mércia. **Psicologia da educação: um estudo dos processos psicológicos de desenvolvimento e aprendizagem humanos, voltado para a educação**. 5. ed. Belo Horizonte: Lê, 1997.

DICKINSON, Dee. *Create the future: perspectives on educational change*. Disponível em: <<http://www.newhorizons.org/rech.html>>. Acesso em: 22 jun. 2009.

DROUET, Ruth Caribé da Rocha. **Distúrbios da aprendizagem**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1995.

FERRAZ, Eduardo P. do Couto. **Pessoa humana: psicologia e espiritualidade**. Petrópolis: Vozes, 1993.

GADOTTI, Moacir. **História das idéias pedagógicas**. São Paulo. Ática, 1996.

GRISI, Rafael. **Didática mínima**. 12. ed. São Paulo: Nacional, 1985.

MARCHAND, Max. **A afetividade do educador**. Trad. Maria Lúcia Barbanti. São Paulo: Sumus Editorial, 1985.

MODDY JR., Raymund. **A cura pelo poder do riso**. Rio de Janeiro: Nórdica, 1978.

NÉRICE, Imídio G. **Didática geral dinâmica**. 4. ed. São Paulo: Científica, 1973.

OTTA, Emma. **O sorriso e seus significados**. Petrópolis: Vozes 1994.

PROPP, Vladímir I. **Comicidade e riso**. Trad. Aurora Bernardini e Homero de Andrade. São Paulo: Ática, 1992.

VASCONCELLOS, Celso dos S. **Construção do conhecimento em sala de aula**. São Paulo: Libertad, 1994.

Recebido em 01/07/2010.

Aprovado para publicação em 21/10/2010.